

**PENSAR COM LAHIRE E BOURDIEU:  
disposições sociais e gostos de elite no Recife**

**THINKING WITH LAHIRE AND BOURDIEU:  
social dispositions and elite tastes in Recife**

---

Louise Claudino Maciel\*

**Resumo**

Baseado nos trabalhos de Bourdieu e de Lahire, este artigo investiga os processos socializantes que formam as práticas que caracterizam diferentes modalidades do gosto de elite no Recife, no âmbito da decoração. A discussão está fundamentada em uma pesquisa que englobou 20 entrevistas em profundidade, análise de fontes documentais e observação em mostras de arquitetura de interiores em Pernambuco. Primeiro, analisamos aspectos que tanto aproximam como distanciam a sociologia das disposições sociais dos trabalhos de Bourdieu e de Lahire e, posteriormente, aplica-se essa sociologia na análise de duas modalidades de gostos de elite encontradas na pesquisa com foco nas práticas sociais, no âmbito da moradia e da decoração.

**Palavras-Chave:** Bourdieu. Lahire. Decoração. Elites.

**Abstract**

Based on the works of Bourdieu and Lahire, this article investigates the processes of socialization that form the practices that characterize different modalities of elite taste in Recife within the scope of the decoration. The discussion is based on research that involved 20 in-depth interviews, analysis of documentary sources, and observations in shows of interior design in Pernambuco. First, we analyze aspects that both approximate and distance the sociology of social dispositions from the works of Bourdieu and Lahire and, posteriorly, this sociology is applied in the analysis of two modalities of elite taste found in the research focusing social practices in housing and decoration.

**Keywords:** Bourdieu. Lahire. Decoration. Elites.

**Introdução**

Este artigo traz reflexões que integram uma pesquisa de doutorado<sup>1</sup> que analisou manifestações de gosto na esfera da decoração. Partindo de uma seção sobre decoração, a *Pode entrar!*, presente na *Revista Aurora*, publicada pelo *Diário de Pernambuco*, de 2011 a 2014, investiguei sistemas de preferências e de aversões de indivíduos de diferentes frações das classes superiores da Região Metropolitana do Recife (RMR). O objetivo era analisar as lutas de classificação, no âmbito da decoração, travadas por aquelas frações, lutas essas que integram a busca pela taxa de reconversão mais favorável para o capital que se possui em maior volume.

Assim, a pesquisa foi feita muito mais *com* Bourdieu, do que *contra* Bourdieu, para utilizar a expressão de Bernard Lahire: “Pensar com e contra Pierre Bourdieu” (2002, p.10). Se pensamos

---

\*Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco e docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: louiseclaudino@yahoo.com.br.

1 A tese, intitulada “Pode Entrar: manifestações de gosto no âmbito da moradia e da decoração das elites culturais na Região Metropolitana do Recife”, foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, em 2017.

mais *com* do que *contra* Bourdieu no estudo, certamente, isso se deveu ao nível do social que foi analisado na pesquisa: lutas simbólicas travadas por frações das classes superiores e mecanismos de sua reprodução por meio dos gostos. Meu estudo se ateve, portanto, à linhagem clássica da Sociologia da Cultura que, como elucidada Lahire (2006), de Veblen a Bourdieu, destaca as funções sociais da arte e da cultura nas sociedades hierarquizadas e os lucros sociais de distinção ligados à apropriação das formas culturais mais raras e legítimas.

Se Lahire reconhece a importância dessa tradição sociológica – “não se trata absolutamente de negar a existência de desigualdades sociais diante das formas culturais mais legítimas, e sobretudo o papel sempre central do capital cultural no acesso às formas mais eruditas de cultura” (2007, p. 797) –, ele questiona sua pertinência quando se muda a escala de observação do mundo social, buscando a que dá acesso às variações intraindividuais, ou seja, às diferenças internas de comportamentos e de gostos de cada indivíduo. Desse modo, pensar *contra* Bourdieu é, para Lahire, ultrapassar as limitações que o seu modelo teórico apresenta em relação às diferenças intraindividuais dos atores, possibilitando a análise da incorporação de disposições múltiplas nos indivíduos e que sofrem processos de ativação/inibição/reativação, a partir dos diferentes contextos sociais nos quais eles atuam.

Neste artigo, proponho pensar *com* Bourdieu e Lahire, enfatizando as contribuições dos dois autores para o desenvolvimento de uma sociologia das disposições. Primeiro, abordam-se aspectos que aproximam e que distanciam a concepção das disposições sociais em Bourdieu e Lahire e, posteriormente, aplicamos a sociologia disposicional na análise de duas modalidades de gosto de elite no Recife – o gosto “burguês e o gosto “intelectual” –, com foco nas práticas sociais típicas por cada um deles manifestadas no âmbito da decoração.

### **Disposições sociais em Bourdieu e em Lahire: aproximações e distanciamentos**

O desenvolvimento de uma sociologia das disposições em Pierre Bourdieu visa superar a dicotomia entre os modos de conhecimento objetivista e subjetivista presente no pensamento sociológico ocidental. Bourdieu nega o “realismo da estrutura” (2013, p. 87) que caracteriza o objetivismo e que concebe as estruturas constituídas fora dos indivíduos e dos processos históricos. Contudo, para ele, diferentemente do subjetivismo, os agentes constroem o mundo social a partir de uma posição na estrutura da distribuição desigual dos diferentes tipos de capital (econômico, social, simbólico, entre outros) atuantes no espaço social.

Segundo Bourdieu (2008), os gostos são produtos do *habitus*, ou seja, do conjunto das disposições, dos esquemas de percepção, de classificação e de ação incorporados nos diversos estágios da socialização que o agente vivencia<sup>2</sup>. O meio de origem e a socialização primária possuem centralidade na compreensão das disposições dos agentes, porque estão associados

---

<sup>2</sup> A *Distinção* fornece uma caracterização empírica das principais “famílias” de gosto, hierarquizados no espaço social, bem como diferencia, no âmbito das frações de classe, gostos típicos a cada uma delas.

aos modos de transmissão do capital cultural. Tais modos, cujas diferenças essenciais referem-se ao início do processo de transmissão e a sua intensidade, criam, desde a mais tenra infância, diferenças entre os agentes difíceis de serem transpostas, formando fronteiras muito herméticas entre os grupos sociais.

Acentuando o peso da origem social, Bourdieu reitera que as práticas também são resultantes do efeito da trajetória, ou seja, do efeito exercido sobre as disposições de origem pelas experiências de ascensão ou de declínio social. Essa distinção impõe-se, sobretudo, nos casos em que os agentes trilham trajetórias sociais *singulares*, ou seja, “em todos os casos em que indivíduos da mesma fração ou da mesma família – portanto, submetidos a inculcações morais, religiosas e políticas, supostamente idênticas – sentem-se inclinados a tomadas de posição divergentes” em esferas variadas da prática (BOURDIEU, 2008, p. 105). A trajetória *singular* diferencia-se, portanto, da trajetória *modal*, ou seja, das trajetórias equiprováveis a partir de determinada posição no espaço social.

Embora Bourdieu destaque a possibilidade das trajetórias individuais, Lahire afirmará que o conceito de *habitus* é insuficiente para elucidar os processos de individualização na sociedade contemporânea, porque ele não permite explicar satisfatoriamente as diferenças intraindividuais nos atores. Assim, a sociologia das disposições desenvolvida por ele visa explicar a pluralidade de práticas individuais, ou seja, o patrimônio de disposições plurais e nem sempre em harmonia entre si, que caracteriza o indivíduo contemporâneo. Lahire (2002) adota o conceito de hábitos, isto é, repertórios que são o conjunto de sínteses de experiências sociais que foram construídas/incorporadas durante a socialização anterior nos âmbitos sociais. Ele afirma, como um diferencial da sua obra, a ideia de que, ao longo de sua trajetória, o indivíduo atravessa uma pluralidade de círculos sociais<sup>3</sup> com princípios de socialização específicos. Assim, o ator social inevitavelmente incorpora disposições múltiplas que podem estar em harmonia ou em contradição umas com as outras.

Considerando as concepções de trajetória em Bourdieu e da socialização em vários âmbitos sociais de Lahire, a sociologia disposicional desses autores apresenta proximidades, visto que Bourdieu considera que as disposições sociais derivam do *habitus* de origem e do efeito da trajetória, que pode ser modal ou individual, e que Lahire considera que, nas sociedades contemporâneas, o indivíduo atravessa círculos sociais com princípios de socialização diferentes e forma repertórios de ação plurais. Contudo, diferenças relevantes também marcam a sociologia das disposições dos dois autores. Uma delas é que, distanciando-se de Bourdieu, o meio de origem já não possui a mesma centralidade para entender as práticas sociais em Lahire, uma vez que qualquer instância de socialização pode instaurar hábitos nos atores. Além disso, Bourdieu destaca o aspecto transposicional das disposições, enquanto Lahire acentua que elas podem ser ativadas, inibidas, reativadas conforme a situação social na qual o ator esteja colocado.

---

<sup>3</sup> Para uma análise das influências que autores clássicos da Sociologia, tais como Georg Simmel e Norbert Elias, possuem na obra de Lahire ver Alves e Maciel (2017).

Uma terceira diferença é que, em Bourdieu, o agente é mais dependente de uma coerência entre as disposições adquiridas e os contextos de sua ativação do que o ator social analisado por Lahire. O senso prático, caracterizado por Bourdieu (2013) como o domínio das ações infraconscientes, ou seja, das ações emanadas dos ajustes pré-reflexivos entre um agente e uma situação social, deriva dessa propriedade do *habitus* de buscar as condições objetivas propícias a sua reprodução, a partir das quais se possa vivenciar o mundo social como “peixe dentro d’água”. Tal situação difere daquela onde ocorre um desajuste entre *habitus* e condições objetivas (*histerese*). Não é à toa que, no caso dos deslocamentos ascendentes que os agentes realizam no espaço social, a ruptura com o meio de origem visa diminuir tensões entre as disposições originárias e as adquiridas no trajeto de ascensão: “A ‘decolagem’ supõe sempre uma ruptura, cuja negação dos antigos companheiros de infortúnio representa um aspecto. Exige-se que o trânsfuga vire a mesa dos valores, proceda a uma conversão de toda a sua atitude” (BOURDIEU, 2008, p. 316.).

Já o ator social de Lahire não é tão fortemente impelido pela busca da coerência entre diferentes hábitos. Como patrimônio de disposições heterogêneas, esse ator sabe ativar/desativar disposições de acordo com os diferentes contextos sociais. Assim, o ator plural não é, necessariamente, um indivíduo em perpétua condição de sofrimento, dividido entre múltiplos hábitos e incapaz de engatilhar uma ação. Os hábitos podem coexistir pacificamente, quando se exprimem em contextos sociais diferentes, ou ocasionar conflitos limitados (2002, p. 41). Assim, o indivíduo pode acionar hábitos no consumo alimentar diferentes daqueles que são ativados no domínio do consumo cultural; inibir hábitos em uma determinada interação social e reativá-los numa outra<sup>4</sup>.

Seguindo o programa de uma sociologia das disposições, nos próximos tópicos deste artigo, analisam-se processos socializantes que formam algumas modalidades do gosto das elites do Recife, com foco nas práticas da moradia e da decoração. É importante ressaltar que o estudo visa contribuir com uma linha de pesquisa que vem se desenvolvendo no Brasil sobre os gostos e os estilos de vida das elites. No âmbito da relação entre elites e decoração, destaca-se o trabalho pioneiro de José Carlos Durand, publicado em 1989, que, além de analisar a formação do campo artístico e arquitetônico em São Paulo e no Rio de Janeiro, esmiuçou diferenças nos sistemas de preferências das frações da classe dominante paulista. Assim, enquanto a “arquitetura dos arquitetos” (de inspiração modernista) foi adotada pelas frações mais ricas em capital cultural, a arquitetura dos engenheiros-civis e dos decoradores foi a que mais atendeu às demandas das frações economicamente dominantes. Se Durand (2009) não foca nos processos socializantes que formam os gostos das elites, seu trabalho é importante por demonstrar as lutas simbólicas que as suas frações travam para definir o estilo de vida legítimo.

---

4 O sofrimento costuma ser intenso nos casos em que o indivíduo foi submetido a grandes matrizes de socialização muito divergentes, tal como sucede com os “trânsfugas de classe” que mudaram sua posição social por força do desempenho escolar (LAHIRE, 2002, p. 42). Mesmo assim, o autor reitera que nem todos os que vivenciam socializações em universos contraditórios exibem identidades clivadas.

Em pesquisa de doutorado publicada em 2010, Carolina Pulici demonstrou a validade da perspectiva disposicional para analisar as manifestações de gostos das classes dominantes paulistas em âmbitos variados dos estilos de vida, tais como: alimentação, cinema, arquitetura e artes plásticas. A autora chama atenção para o fato de que, considerado como um tema “inofensivo”, o gosto é uma das abordagens pertinentes para a realização de estudos sobre as elites: “A vantagem para o sociólogo, é evidente: ele interroga sobre atitude aparentemente ingênuas (como as maneiras e as preferências manifestas) que, passadas pelo crivo da análise, não cessam de proclamar diferenças e desigualdades” (2010, p. 28). No estudo, trajetórias de vida são mobilizadas para analisar os sistemas de preferências e de aversões de indivíduos residentes dos bairros-jardins e de Alphaville.

Também em tese de doutorado, publicada em 2006, Kátia Araújo analisou trajetórias de vida para explicar os elevados investimentos em ambientação que ela identificou em uma das frações das elites de Pernambuco nesse período. Trata-se da fração que a autora denominou de “novas elites”, composta por indivíduos com trajetórias de vida ascendentes construídas a partir do capital escolar e do elevado grau competitivo nas carreiras (2008, p. 2). Esses recém-chegados às classes superiores recorrem fortemente a processos de refinamento das suas imagens sociais, lançando mão de mediadores culturais, como os profissionais de ambientação.

Tais estudos contribuem para o avanço de uma agenda de pesquisa que analisa os estilos de vida das elites brasileiras, pois se uma extensa literatura tem se dedicado ao estudo da pobreza e da desigualdade social, ainda é limitada a quantidade de estudos sobre os setores mais abastados da sociedade. Parte disso se deve à dificuldade de acessar, por meio da pesquisa sociológica, esses setores (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2007). Nesse sentido, mesmo que o meu acesso a membros das classes superiores do Recife tenha sido facilitado pelo “filtro” escolhido para realizar o estudo, a seção *Pode entrar!*, ainda tive dificuldades de confeccionar a amostra, tal como relatadas nos trabalhos de Pinçon e Pinçon-Charlot (2007) e de Pulici (2010). A maior parte dos informantes<sup>5</sup> foi conseguida por indicações feitas pelos entrevistados que, em alguns casos, me forneciam telefones de conhecidos que participaram da revista *Aurora*<sup>6</sup>. Agrupei as matérias dos possíveis informantes e selecionei aquelas que parecessem representar tomadas de posição recorrentes no universo das decorações exibidas, bem como diferentes umas das outras. Para a escolha dos casos, contei com o social objetivado em móveis, obras de arte, objetos e partidos arquitetônicos das moradias, visíveis por meio das fotografias exibidas nas matérias e, também, com as informações contidas no texto jornalístico da seção *Pode entrar!*.

---

5 Consegui meus dois primeiros informantes por intermédio de um amigo, alguns poucos por meio de informações disponíveis na internet e outros pela participação em um ciclo de palestras sobre arte em um museu da cidade.

6 A revista não revelava nem dados de contato e nem endereço dos entrevistados, exceto o bairro e algumas vezes o nome da rua onde se localizava a residência.

A revista *Aurora*, suplemento cultural do *Diário de Pernambuco*, integra o que se denomina jornalismo cultural, modalidade jornalística que se desenvolveu concomitantemente ao campo cultural no Brasil. Além da função informativa e de cobertura dos serviços e produtos da esfera cultural, os produtos desse jornalismo são propulsores de comportamentos e de valores sociais. “Ao abordar assuntos ligados ao campo cultural, [esses produtos] instituem, refletem e projetam modos de ser, pensar e viver” (GADINI, 2009, p. 81). Vale ressaltar que o jornalismo cultural da seção *Pode entrar!* não foi o objeto do estudo. Ele foi entendido como uma instância de legitimação no campo dos estilos de vida da RMR<sup>7</sup> e como porta de acesso a indivíduos que, sem a referência ao jornal, possivelmente não me receberiam em suas moradias, locais onde foram realizadas 18 das 20 entrevistas que integraram o *corpus* da pesquisa<sup>8</sup>.

Ao término das entrevistas, baseada na noção de “classe construída”<sup>9</sup>, analisei as tomadas de posição dos informantes em relação a três âmbitos principais – consumo artístico; mobiliário e relação com os profissionais de arquitetura de interiores – e construí três frações das classes altas na RMR: “burguesia antiga”, “frações intelectuais” e “frações em vias de aquisição do capital cultural”. As práticas na decoração foram investigadas por meio do seu agrupamento e análise com base na construção de três estilos de decoração respectivos a cada uma das frações citadas: o estilo “clássico”, o estilo “autoral” e o estilo “moderno/contemporâneo”<sup>10</sup>. Nos tópicos seguintes, focaremos em práticas sociais típicas das frações “burguesia antiga” e “frações intelectuais”, relacionando-as aos processos socializantes que os informantes relataram nas trajetórias.

### **Gosto “burguês” e o consumo curatorial**

Uma das frações das classes superiores da RMR analisadas na pesquisa foi a que denominamos de “burguesia antiga”, a fim de acentuar a posse de capital simbólico da linhagem familiar que caracterizou os informantes nela localizados. Expressando esse trunfo, foi possível encontrar nomes dos informantes e de seus familiares em documentos da história oficial, em livros de memórias, em coletâneas jornalísticas, além dos inúmeros casos de nomes de ruas e prédios importantes no Recife que recebem o nome de familiares dos entrevistados. Caracterizados, em sua maioria, pela estrutura de capital simétrica, os informantes do polo mais

---

7 O poder de consagração da revista é considerado importante, visto que ela era publicada pelo jornal mais antigo da região Nordeste, cujo nome está associado a importantes movimentos do campo cultural da cidade.

8 Dois informantes arquitetos me deram entrevistas em seus escritórios. As entrevistas foram realizadas durante os anos 2016 e 2017, tendo duração de 1 a 4 horas aproximadamente – as mais longas ocorreram com os informantes com antiguidade de pertencimento às classes altas da cidade – e foram registradas por meio de gravação. Para resguardar o anonimato dos entrevistados, todos os nomes utilizados neste trabalho são fictícios.

9 Segundo Bourdieu (2008), as classes são uma construção por meio da qual, partindo dos princípios de diferenciação do espaço social, se consegue isolar grupos (relativamente) homogêneos de indivíduos, “separados por *sistemas de diferenças*”. Meu grupo de 20 informantes foi distribuído da seguinte forma: 7 na “burguesia antiga”, 8 nas “frações intelectuais” e 5 nas “frações em vias de aquisição do capital cultural”.

10 Tratando-se de constructos de análise, tais “estilos” podem não corresponder às categorias que encontramos no campo da arquitetura de interiores.

antigo das classes altas tendem a contar com toda sorte de “usufruto antecipado” (BOURDIEU, 2008), ou seja, com os acúmulos em riqueza material, cultural, social e simbólica realizados pelas gerações anteriores.

Dentre as práticas na decoração que caracterizam o estilo “clássico”, concernente à “burguesia antiga”, encontram-se as que visam exibir a estima social das linhagens familiares das quais os informantes descendem, com destaque para o consumo curatorial (MCCRACKEN, 2003), isto é, a conservação e transmissão segura de móveis, quadros e objetos herdados pela via familiar. As recordações afetivas em torno desses artefatos mesclam-se com o capital simbólico que eles manifestam. Assim, todos os informantes da “burguesia antiga” possuíam artefatos na decoração que figuravam como ícones de ancestralidade nas classes altas, como os móveis provenientes da loja Casa Hollanda<sup>11</sup>. No apartamento de 200m<sup>2</sup>, na Avenida Boa Viagem (localizada em frente à praia de Boa Viagem) em que a professora universitária Eleonora, 61 anos, reside há mais de 35 anos, muitos móveis são da Casa Hollanda e outros rememoram a presença de grandes personagens da vida política e cultural do país, visto que seu pai, um rico engenheiro, integrou as rodas intelectuais e culturais do Recife durante a metade do XIX:

Eleonora - **Tudo aqui tem uma história**, inclusive essa cadeira aqui, a gente brinca muito, porque **quando Jorge Amado vinha aqui**, Jorge Amado tinha amigo em todo canto, todo mundo era amigo de Jorge Amado, ele vinha uns anos aqui jogar pôquer, foi amigo do pai de Ingrid<sup>12</sup> também, quando ele ia na minha casa, **ele sentava nessa cadeira, é uma cadeira L' Atelier...**

Assim, cabe analisar os processos socializantes que impelem esses informantes a serem “curadores” das memórias familiares. O relato de Eleonora revela a aquisição precoce de competência estética na casa de infância, decorada com peças de mobiliário provenientes de uma das mais importantes firmas de mobiliário moderno nos anos 1950 e caracterizada por práticas culturais que ela rememorou na entrevista e que revelam a transmissão cultural que formam o gosto “legítimo”:

Eleonora - Depois que comia, aí ia pro outro terraço que era onde se conversava, tinha televisão, **papai tinha uma coleção, papai deixou 500 discos, tinha música sempre.**

Louise - Gostava de música né?

Eleonora - Música erudita muito. E papai gostou muito de MPB, tanto que tem amigos nossos que começaram a gostar de MPB lá em casa, porque papai começou a gostar e gostava de Elizeth Cardoso, não sei quê, aí pronto. **Quando éramos pequenos, chegava visita, nós tínhamos que ir pra sala e se comportar, ia todo mundo lá, ficar lá né?** Todo mundo, sentava na sala, a não ser que as visitas viessem com filhos a gente

11 A Casa Hollanda foi uma loja de mobiliário de luxo, existente no Recife, de 1928 ao início dos anos 1970. Em uma época na qual ainda não existia o campo de arquitetura de interiores, a loja possuía uma equipe de profissionais que decoravam as casas de membros das elites locais.

12 Informante desta pesquisa situada no polo mais rico em capital cultural do que em capital econômico.

podia brincar, mas se não, era todo mundo sentado na sala, mas todo mundo da minha idade foi criado assim...

Eleonora e seus irmãos foram herdeiros de capital econômico significativo deixado pelas gerações anteriores. A informante é professora titular com vários pós-doutorados realizados no exterior, não sendo a única na família que se destaca pelo elevado capital cultural em várias modalidades. Um dos irmãos, por exemplo, é arquiteto urbanista muito consagrado no campo de arquitetura da cidade. Tipificando os demais informantes dessa fração das classes altas, Eleonora apresenta uma trajetória rica em experiências culturais ao redor do mundo, iniciada na pré-adolescência, quando fez intercâmbio nos Estados Unidos, com 13 anos. A informante conta com as vivências culturais fora do país sempre que vai defender o projeto, realizado por ela e pelo irmão arquiteto urbanista, para tornar o prédio - no qual ela tem dois imóveis, o que ela mora e outro utilizado para alojar visitantes - objeto da política preservacionista dos poderes públicos da cidade:

Eleonora - Meu irmão e eu pensamos em tombar o prédio para que ele não fosse derrubado [...] **“meu Deus, esse é o último prédio dos anos 50 aqui”, você chega em Miami Beach, tem todos os prédios iguais, esse prédio não tinha arquiteto, ele é de catálogo...**

Louise - Como é essa coisa de ser prédio de catálogo?

Eleonora - Porque na época não havia escola de arquitetura, aqueles artistas que planejaram prédios, que desenharam, que estão aqui, nos Estados Unidos, você vê muito no Leblon, são prédios exatamente iguais, porque você olhava no catálogo e fazia igual. **Então na Europa eles eram também, o pé-direito é alto, nos Estados Unidos também se valoriza muito isso, esse prédio aqui o pé-direito é enorme, ele ficou pronto em 52, um dos primeiros** [da Avenida Boa Viagem].

Junto dos argumentos estéticos para a preservação do prédio, encontram-se a memória e o capital simbólico que o imóvel, adquirido pelo pai por intermédio de um ex-prefeito da cidade, representa:

Eleonora - Então a minha história com esse prédio, com essa casa é que na época que eu casei, há quarenta anos atrás, **o ex-prefeito da cidade do Recife, Pelópidas Silveira, que era muito amigo do meu pai**, ofereceu a ele esse apartamento. [...] Aí [o pai] comprou esse apartamento, só que **minha família viria pra cá pra veranear**, como nós morávamos numa casa na Madalena [zona norte] que tinha muita árvore e na época, faz uns 42 anos essa história, a gente ouvia quando o ônibus elétrico passava na Real da Torre, mas não tinha nenhum barulho de carro, então nós dormíamos sem nenhum barulho. [...] Então vieram pra cá veranear e **ninguém dormia de noite porque passava carro aqui na avenida** já essa época...



Trouxemos um pouco da trajetória de Eleonora para ilustrar os processos de formação do gosto típicos dos agentes que estão nas classes altas há muitas gerações. A socialização familiar com transmissão precoce de capital cultural é facilitada pelos próprios ambientes da moradia. Foi em casa que Eleonora aprendeu a diferenciar tipo de louças, este conhecimento mundano que, por sua raridade, confere elevados rendimentos distintivos aos que o possuem: “Já aquela louça ali, que não parece, é uma *Wedgwood* inglesa, e a louça inglesa ela é em pedra, ela não é como aquela francesa, fininha, entendeu? Ela é mais pesada, ela é diferente”.

Louça inglesa também tem destaque na moradia da escritora Luiza, outra informante dessa fração das classes altas, no apartamento de 380m<sup>2</sup> no bairro de Casa Forte<sup>13</sup>. A coleção é proveniente da casa de infância, cujo espaço reservado à gestão do capital social é descrito abaixo em passagem retirada do livro de memórias<sup>14</sup> escrito por ela, em homenagem ao pai, para celebrar a data comemorativa em que o renomado historiador e intelectual completaria 100 anos:

**A mãe adorava receber as amigas, os amigos do meu pai e dos seus filhos.** Desfrutava a oferecer jantares na sala solene, a chamada sala preta, em razão da cor dos móveis, pretos e barrocos, artesanalmente talhados nas portas e nas colunas adjacentes. O cômodo reservava-se aos momentos de celebração; uma longa mesa retangular ao centro, dois buffets posicionados junto às paredes laterais, um sofá ao canto direito, cortinas de seda e um dourado velho no assento e no encosto. Acima do buffet da parede da esquerda de quem entrava, figurava um belo painel de tecido grosso com cenas de um baile da *Belle Époque*, de cores suaves, e arrematado em circular espiralado [...] A simetria das peças adensava o toque de fidalguia e já não sou capaz de contar o número de objetos que adornavam a superfície dos buffets. Mas havia o conjunto de chá em prata e uma travessa ornamental redonda, igualmente prateada [...] Ao se ouvir: ‘o encontro será na sala preta’, já se sabia o teor da cerimônia [...] **A louça inglesa, linda na porcelana branca e azul, e os cristais da Boêmia lá se reservavam...** (Livro de Memórias).

A louça, citada no final da passagem, pertenceu à avó de Luiza, dona de engenho, que ela não conheceu pessoalmente, mas por quem desenvolveu uma forte estima, por meio dos relatos fornecidos pela mãe, demonstrando os processos de transmissão cultural que possibilitam a constituição do “senso de dignidade” para com os ancestrais e que se expressa em práticas na decoração como o consumo curatorial:

Luiza - Eu não conheci minha avó materna, eu tenho uma foto dela aí... [A foto fica no centro de uma mesa da sala de visitas] Mas eu sei muito da minha avó materna através da minha mãe que **me fazia dormir contando histórias da minha avó materna, da**

13 O bairro de Casa Forte está localizado na região conhecida como “zona norte”, na qual as elites locais tradicionalmente estabeleceram moradia, como demonstra a obra *Sobrados e Mucambos* (2003), de Gilberto Freyre. Durante o século XIX, vários engenhos localizados nessa região deram lugar aos bairros “nobres”, tais como: Casa Forte, Apipucos, Madalena, Poço da Panela, etc. Nesses bairros é que se localizava a maioria dos sobrados semiurbanos que Freyre descreve como moradia de gente abastada durante o século XIX. Já Eleonora mora no bairro de Boa Viagem, localizado na região “zona sul”. Tal bairro consistia em local de veraneio das elites locais e apenas em meados do século XX passa a servir de moradia permanente para os setores abastados.

14 A referência não pode ser feita para preservar o anonimato da informante.

---

**época dos engenhos, que ela morava em engenhos, então eu tenho uma intimidade afetiva com ela imensa.**

Nos relatos de Luiza, a mãe surge como a principal transmissora das competências culturais que caracterizam a informante, integrante da Academia Pernambucana de Letras, assim como foi seu pai. Apesar de o pai possuir o maior capital cultural certificado, foi a mãe de Luiza que figurou nos seus relatos como a principal transmissora das disposições cultas da informante. Luiza faz questão de mencionar como a mãe, dona de casa, apesar de ter nascido em contexto de decadência econômica, trazia o refinamento mundano da aristocracia açucareira do Nordeste:

Luiza - Meu bisavô era riquíssimo, meu avô acabou com tudo, pai da minha mãe, porque se meteu na política e começou a queimar os engenhos, começou a vender, vender, vender, acabou com quase tudo.

Louise - Então ela [mãe da informante] deve ter nascido já num processo de decadência econômica?

Luiza - Nasceu, **mas trazia toda aristocracia da casa-grande, mas ela nasceu em plena decadência.**

Como afirma Lahire (2006), a metáfora da “herança cultural” apaga as inevitáveis distorções, adaptações e reinterpretações que o “capital cultural” sofre durante a sua reconstrução de uma geração a outra, sob o efeito, por um lado, das diferenças entre os supostos “transmissores” e os pretensos “receptores” e, por outro lado, das condições dessa reconstrução. Os portadores de uma cultura incorporada podem não estar em situação de poder transmitir essa cultura, devido a compromissos profissionais, por exemplo. Assim, mais do que no pai, Luiza teve na mãe a principal transmissora das disposições para a apropriação dos “bens legítimos”:

Luiza - Minha mãe era uma mulher muito culta, conhecia muito literatura e a gente convivia mais; meu pai, coitado, trabalhava doze horas e não tinha tempo, então foi ela que realmente me orientou na literatura, ela que foi me dando os livros, **“leia isso, minha filha”, à medida que eu ia lendo, ela ia me indicando.**

A mãe fingia não ver quando Luiza subia na biblioteca do pai, local proibido para as crianças da casa. Abaixo, a informante destaca como os estímulos para a leitura no ambiente natal foram determinantes para a sua escolha profissional:

Luiza - **Eu nasci entre livros. Meu pai tinha uma biblioteca de 40.000 exemplares,** em torno de 40.000 exemplares, em todos os cantos da casa. A gente morava numa casa no Rosarinho, que era a parte de cima, **eu tinha uns dez anos quando papai teve que construir toda a parte de cima, o salão só com os livros dele,** porque não dava mais. A gente passou uma temporada fora, em Boa Viagem, seis meses, para ele cons-

truir um salão em cima pros livros. Então era uma biblioteca mesmo, poucas bibliotecas tinham tantos livros, ele tinha aquelas estantes coladas na parede em madeira que vai até em cima, tinha aquelas de ferro que ficavam no meio do salão infinito. Então eu nasci realmente entre livros, **eu gostava de estar no meio dos livros, 3, 4 anos, pequena, eu lia, eu subia e ia brincar lá em cima, eu levava coisa pra lá e ia brincar, naquele ambiente**, mas eu tinha o hábito também de riscar os livros do meu pai, era proibido, porque ele não admitia que ninguém subisse.

Assim, como Eleonora, Luiza também fez pós-graduações no exterior e, como os demais informantes da “burguesia antiga”, integra importantes instituições culturais da cidade. Nos relatos da empresária e herdeira de linhagens rurais, Olívia, 85 anos, moradora de um apartamento de 300m<sup>2</sup> na Avenida Boa Viagem, também se vislumbra a relação entre processos socializantes no meio de origem e na trajetória, além da participação em uma sociedade artística e a ocupação, no momento em que me deu entrevista, da vice-diretoria de um museu do Recife, do qual ela também já foi diretora. Sobrinha de um ex-governador de Pernambuco que estimulou o modernismo arquitetônico na cidade e filha de donos de engenho apreciadores de arte, Olívia foi criada para ter a elegância que as colunas sociais da cidade reiteradamente confirmam como um ícone distintivo. Abaixo, o trecho de uma entrevista que ela deu a um colunista da cidade, publicada no site desse mesmo colunista:

Colunista - A senhora é considerada a mulher mais elegante de Pernambuco e uma das mais elegantes do Nordeste. Qual a sensação de ser referência de elegância?

Olívia - Nunca me ocorreu nem me preocupou reivindicar posição de elegante e acho mesmo que não ocupo esse espaço.

A distinção sem intenção de distinguir-se (BOURDIEU, 2018), a mais “legítima” de todas, foi aprendida em casa e a criação da empresa de tapetes de luxo de Olívia, que reproduzem, por técnica de bordado, desenhos de azulejos portugueses, também remonta à socialização estética familiar:

Olívia – [...] Eu era muito impressionada com o estilo de azulejos antigos, a gente ia à missa, meu pai dizia “um crime”, aí eu via operário com picareta, eu acho que nem existe mais isso, picareta é uma ferramenta com uma ponta derrubando as fachadas ali na Manuel Borba, por ali, Jeriquiti [nomes de ruas do Recife], era tudo cobertinho de azulejo antigo, e **eu me lembro que papai dizia muito “isso é um crime, esses azulejos portugueses do século 17, 18”, e eu ficava com isso, então a gente começou, eu tive a ideia de usar o desenho do azulejo nos tapetes...**

A socialização estética precoce e continuada nas trajetórias – Olívia passou uma estadia na Suíça, onde estudou línguas e história da arte –, explica por que não só Olívia, mas todos os informantes da “burguesia antiga” valoram o consumo artístico na decoração e exibem casas

repletas de obras de arte, bem como um gosto tipicamente “burguês”, caracterizado pelo sistema de preferências pelas obras da cultura consagrada que, em Pernambuco, refere-se aos artistas consagrados sob o cânone regionalista e pelo sistema de aversões dirigido às manifestações de arte contemporânea. No próximo tópico, trataremos de outra modalidade de gosto de elite, analisada na pesquisa. Esta, além de denegar o consumo material de arte, sustenta, muito mais do que no capital simbólico da linhagem familiar, no capital cultural incorporado, o princípio de sua legitimidade social.

### **Gosto “intelectual” e a exibição da disposição estética pura**

Em uma parte dos informantes das “frações intelectuais”, algumas condições de formação do gosto são semelhantes àquelas que caracterizam os informantes da “burguesia antiga”. Guardadas importantes diferenças na intensidade e nos modos de transmissão do capital cultural, a constituição das competências culturais também se inicia nas casas de infância. Nesses casos, eles demonstram origem social nas “frações intelectuais” das classes altas da RMR. A narrativa da procuradora de justiça Ingrid, 71 anos, moradora de um apartamento no bairro da Boa Vista (região central), filha de um procurador de justiça e de uma costureira, demonstra o contato precoce com arte que caracterizou a sua formação:

Louise - Esse seu contato com arte, foi muito cedo né?

Ingrid - Foi. Com Música também. Paulinho da Viola era amigo dele [pai da informante], ia fazer, cantar, tocar violão lá, tinha uma seresta. Como era muito grande o quintal, o jardim principalmente, ia fazer ciranda.

Também para a jornalista Regina, 45 anos, moradora de uma casa antiga também no bairro da Boa Vista, filha de um engenheiro agrônomo e de uma produtora de teatro, subir em um palco e aprender um instrumento musical foram desdobramentos naturais dos estímulos vivenciados no ambiente familiar. Contando com uma herança material bem menos significativa do que os informantes da “burguesia antiga”, Ingrid e Regina demonstram ter dependido fortemente do capital cultural para reproduzir a posição social nas “frações intelectuais” da cidade. Assim, os processos de formação do gosto demonstram a transmissão de disposições ascéticas propícias ao acúmulo dessa modalidade de riqueza:

Regina - [...] **papai tinha isso de levar a gente pro Projeto Seis e Meia<sup>15</sup>, ele tinha essa preocupação da formação, de dar muito livro pra gente ler, presente lá em casa era livro, ninguém via televisão, era proibido ver televisão, tinha os horários de ver televisão** e não adiantava querer ligar a televisão fora do horário, porque ia se lascar se ligasse. Então ninguém comia iogurte, comida processada, ninguém era natureba também, mas a gente era proibido de comer iogurte, de comer embutido, mas aí a questão

---

15 Trata-se de um projeto incentivador de cultura que levou apresentações musicais para várias cidades do país.

do meu pai era ideológica, das multinacionais, que comida vem da terra, porque ele era engenheiro agrônomo relacionado com a produção agrícola do pequeno produtor, a questão não era ligada ao vegetarianismo ou qualquer coisa nesse sentido, era uma questão política...

Assim, o ascetismo cultural é uma característica importante dessas narrativas. Como afirma Bourdieu (2008, p. 267), esse ascetismo está vinculado à necessidade da reprodução social nas “frações intelectuais”, “tudo isso com uma boa vontade tanto mais exclusiva quanto seu baixo capital econômico não lhes deixa esperar grandes ganhos e prazeres concorrentes”. Na sua análise sobre os perfis culturais homogêneos, Lahire (2006) também aponta que dentre os fatores associados aos perfis homogêneos “por cima”, ou seja, aqueles em que os agentes são orientados ao consumo das práticas e bens da cultura legítima em diferentes âmbitos dos estilos de vida, encontra-se a ascensão por meio do capital cultural:

Como se poderá constatar pelos retratos individuais, aqueles que dependem mais dos mercados culturais classicamente legítimos, ou cuja situação obriga a se confrontar com mais frequência a normas culturais legítimas clássicas – burguesia e pequena burguesia culturais basicamente – são, de fato, os que mais sentem os efeitos de legitimidade da ordem cultural dominante (LAHIRE, 2006, p. 53).

Assim, compreende-se que, de acordo com os relatos de quem reproduziu sua posição ou ascendeu por meio do capital cultural, a socialização familiar tenha sido marcada pela inculcação de disposições ascéticas. Na trajetória de Ingrid, por exemplo, o ascetismo cultural foi fundamental para que em três gerações familiares houvesse uma ascensão social regular na ordem escolar e cultural. A informante é filha de um procurador de justiça e de uma costureira e seguiu a mesma profissão do pai, Celso. A referência à trajetória de ascensão social de Celso por meio do capital escolar é muito presente nos relatos dessa informante: “Eu sou filha de comunista, Celso, o meu pai era um escritor, com livro publicado, ganhou o prêmio Jabuti. Você tem a revista sobre ele?”. Diferentemente dos que estão nas classes altas por pelo menos três gerações, coube ao pai de Ingrid o processo de migração social das classes populares para as “frações intelectuais” da classe dominante. Sobre as instâncias socializadoras do gosto, ela destaca o pai como figura importante na formação das suas escolhas estéticas:

Louise - Quem você acha que influenciou na formação do seu gosto?

Ingrid - Meus pais. Meu pai, principalmente. Minha mãe também, mas meu pai tinha muitos amigos pintores, escultores, Vicente Rêgo Monteiro, Abelardo da Hora, todos eram amigos do meu pai.

Louise - Você se lembra dessa convivência?

Ingrid - Me lembro da convivência, me lembro, me lembro, sim. **Lembro galerias de arte que a gente frequentava, porque os amigos do meu pai que iam lá, os pintores e tal.**

Louise - Você lembra da primeira vez que foi a uma galeria de arte?

Ingrid - **Me lembro. Tinha uma galeria de arte flutuante. Eu tinha 11 anos. No Rio Capibaribe, era flutuante, ao lado dos correios<sup>16</sup>.**

Se Ingrid e Regina tipificam aqueles que nas “frações intelectuais” obtiveram estímulos precoces para a formação do gosto estético, outros informantes dessa fração apresentaram aquisição mais tardia das competências culturais. Fato que se expressa na queda do capital escolar no meio de origem, como no caso da psicóloga Catarina, 45 anos, moradora de apartamento de 145 m<sup>2</sup> no bairro das Graças:

Catarina - Eles [pais] estudaram muito pouco, sobretudo, meu pai, acho que até a quarta série primária, **mas era uma prioridade assim, não adiantava a gente pedir dinheiro pra roupa, pra nada, mas se fosse pra comprar um livro ele dava qualquer dinheiro, se esforçava, botou os quatro filhos pra estudar em escola particular pra ter acesso a uma qualidade de estudo melhor** e sempre com esse discurso de que ele foi comerciante a vida inteira.

O ascetismo também pode caracterizar famílias com baixo capital cultural e que buscam a reconversão do capital econômico acumulado em capital cultural certificado nos descendentes. Contudo, nesse caso, ele está mais focado no sucesso escolar do que na inculcação das disposições “mundanas” e para o consumo dos bens “legítimos”. Assim, Catarina destacou âmbitos de socialização secundária como importantes instâncias formadoras do seu gosto estético:

Catarina - [...] **eu tive uma progressão cultural em relação aos meus pais, eu tive mais acesso a coisas, grupos, pessoas, acesso à arte, cinema que meus pais não tiveram**, a questão social me vejo praticamente... Meu pai, uma certa época da vida dele, tinha muito mais dinheiro do que a gente, muito mais dinheiro, só que meu pai era uma pessoa muito sem ambição, do mesmo jeito que cresceu também perdeu muitas coisas [...] mas do ponto de vista social ele progrediu muito mais do que a gente, sobretudo, do que eu agora nessa situação [refere-se a uma recente perda de emprego]. **Agora eu acho que eu tive conhecimento cultural que eles não tiveram, entrei na Universidade que já amplia o seu universo, o grupo de convivência.**

Mais distante do perfil cultural homogêneo “por cima” do que as outras informantes dessa fração, Catarina revelou práticas inferiores em escala de legitimidade, como gostar de ver séries e novelas: “Série, a gente só assistiu duas, mas é por falta de tempo mesmo que a gente não vê, você fica meio escravo da série. Eu mesmo adoro, eu sou meio noveleira, se eu entrar numa série eu vou querer assistir até o fim”. Já Regina exibiu as marcas da socialização familiar, na qual o pai limitava os horários de assistir televisão, até os dias atuais: “[...] Eu não vejo mais televisão,

---

<sup>16</sup> Galeria Flutuante existiu no centro do Recife na década de 1960. Foi uma construção inovadora para a época, pois a sua estrutura foi erguida praticamente dentro do Rio Capibaribe.

passsei um tempo vendo, agora eu vejo pouquíssimo, eu tenho uma sensação que eu tô perdendo tempo desde que o piano chegou [refere-se ao piano presenteado pelo esposo]”.

A incidência do ascetismo cultural nos processos socializantes e as trajetórias sociais marcadas por acúmulos em capital cultural dotam os informantes das “frações intelectuais” de disposições que irão se expressar em práticas na decoração distintas daquelas que caracterizam a “burguesia antiga”. Assim, se chamamos atenção para o consumo curatorial para caracterizar o gosto “burguês”, destacaremos as práticas que exibem a disposição estética em seu modo mais puro como a marca do gosto “intelectual”. A própria escolha do local e do tipo de moradia demonstra esse aspecto. Se, na “burguesia antiga”, os locais de moradia dividem-se entre os tradicionais bairros da “zona norte” e a Avenida Boa Viagem, os locais de moradia das “frações intelectuais” inserem a região central da cidade. Os processos de “anti-gentrificação” nessa região barateiam o custo de moradia em ruas de importância histórica e cultural e atraem agentes do gosto “intelectual” aptos a ver o valor estético dessas construções. Isso é demonstrado no relato de Regina e do seu esposo, o artista plástico Pedro, 55 anos, sobre a compra de um sobrado de dois andares no bairro da Boa Vista, onde residem:

Regina - Porque essa daqui era a rua dos judeus, do século XX, da primeira guerra mundial, não os judeus dos holandeses.

Pedro - Então era uma classe média que tinha aqui, não era abastada, mas era uma classe média, aí, o que aconteceu foi que essa classe média foi migrando, certas lutas foram vencidas, no caso aí da fábrica que Regina falou, deixou isso tudo vazio. [...] **Aí, eu consegui uma oportunidade nesse desprezo pelo patrimônio, nesse desprezo pelo local, nesse desprezo pelas coisas.**

No âmbito do consumo artístico, o consumo material de arte encontra-se denegado e abaixo, no que se refere à escala de legitimidade, das práticas que exibem a disposição estética em seu modo mais “puro”. Assim, no lugar das obras dos artistas mais consagrados em Pernambuco, Ingrid decora a moradia com práticas que exibem a sua elevada disposição estética, tal como uma burca que veste o busto de um manequim na sala de estar: “Essa burca é afegã. Mas, foi um amigo meu que mora em Berna [...] ‘Que é que você quer que eu leve?’. Eu disse, ‘eu quero uma burca’. ‘Para quê?’. ‘Para usar’”. Já no que se refere às escolhas mais “comuns”, como a aquisição de mobiliário, é através das histórias de garimpo que os informantes das “frações intelectuais” mais tiram proveito da riqueza cultural da qual são portadores, potencializando o seu rendimento simbólico: “Porque nada aqui é comprado caro, quando é comprado é muito barato. **Isso aqui foi do lixo, essa cadeira foi do lixo.** Essas cadeirinhas do São Luís [Cinema de rua no bairro da Boa Vista-Recife] uma amiga minha me deu...” (Ingrid).

A afirmação do próprio gosto como base da decoração da moradia – daí o termo “autoral” para caracterizar o estilo de decoração das “frações intelectuais” – e uma tendência ao ecletismo, no sentido de quebrar, em certos âmbitos, hierarquias culturais, também são tomadas

de posição marcantes dos que possuem ascendência do capital cultural sobre o econômico. As moradias dos informantes das “frações intelectuais” visam exibir em todos os âmbitos possíveis, do bairro em que se escolhe morar até os itens de mobiliário, o capital cultural acumulado ao longo da trajetória.

## **Conclusão**

Este artigo utilizou princípios da sociologia das disposições desenvolvida nos trabalhos de Pierre Bourdieu e de Bernard Lahire para analisar modalidades dos gostos de elite, no âmbito da decoração, no Recife. Como afirma Lahire (2002), mesmo lançando mão de noções como disposições, estruturas cognitivas, categorias de percepção, os trabalhos sociológicos pouco fizeram no que se refere ao estudo da construção das disposições nos atores. Lahire reconhece no trabalho de Elias sobre Mozart a primeira formulação do que seria uma sociologia das disposições, pois Elias (1995) demonstra a forte relação entre a rede das relações em que a personalidade de Mozart foi moldada, na infância e na adolescência, e o desenvolvimento de seu talento musical. Seguindo essa perspectiva, demonstramos, neste artigo, a relação entre processos socializantes vivenciados por indivíduos localizados em duas frações das classes superiores do Recife e algumas práticas no âmbito da decoração da moradia. Assim, as práticas diferenciaram-se de uma fração das classes altas a outra, como demonstrado neste artigo, a partir das modalidades dos gostos “burguês” e “intelectual”.

O artigo também tratou das aproximações e distanciamentos entre as concepções de disposições sociais nos trabalhos de Bourdieu e Lahire. A explicação das práticas dos indivíduos por meio dos processos socializantes que eles vivenciam nas trajetórias, adquirindo disposições sociais, é um ponto central de aproximação entre os dois trabalhos. Assim, demonstramos como o “senso de dignidade” com os antecessores, aprendido pelos informantes da “burguesia antiga” nos ambientes de infância, explica o consumo curatorial. Por sua vez, o ascetismo cultural, vivenciado nesses mesmos ambientes por informantes das “frações intelectuais”, junto dos acúmulos culturais realizados na trajetória explicam práticas que exibem a disposição estética no seu modo mais puro.

No que se refere aos distanciamentos entre as concepções de disposições sociais nos autores, em Bourdieu, o meio de origem possui centralidade na explicação das práticas, pois determina o modo de aquisição do capital cultural e, assim, cria fronteiras difíceis de serem transpostas entre os agentes. Já em Lahire, qualquer âmbito de socialização tem a propriedade de instaurar hábitos nos atores sociais. Ademais, o princípio de transposição das disposições presente no trabalho de Bourdieu, segundo o qual o agente social procura uma coerência entre as disposições introjetadas e os contextos de atualização, é contestado por Lahire. Este afirma que os perfis dissonantes, ou seja, de atores marcados por disposições plurais, atualizadas/inibidas/reatualizadas de acordo com as situações sociais, são preponderantes nas sociedades contemporâneas. Uma vez que



nossa pesquisa focalizou nas práticas dos atores relativas à decoração não podemos adentrar no aspecto das variações intraindividuais desses atores. Contudo, em relação aos informantes focalizados neste artigo, a ideia de perfis culturais consonantes muito legítimos mostrou-se mais pertinente, seja porque os informantes são socializados no seio de famílias burguesas que valoram fortemente os mercados culturais “legítimos”, seja porque é, sobretudo, por meio do capital cultural que eles reproduzem sua posição ou ascendem no espaço social do Recife.

## Referências

- ALVES, A. R. C.; MACIEL, L. C. A individualidade em Simmel e Elias: contribuições teóricas para uma sociologia do indivíduo. *Lua Nova*, São Paulo, n.101, p. 259-290, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n101/1807-0175-1n-101-00259.pdf>> Acesso em: 07 fev. 2019.
- ARAÚJO, K. M. **Consumo e reconhecimento social**: a valorização do morar bem entre novas elites do Recife. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- DURAND, J. C. **Arte, Privilégio e Distinção**. Artes Plásticas, arquitetura e arte dirigente no Brasil, 1855/1985. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 2009.
- ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- FREYRE, G. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2003.
- GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses cruzados**: a produção da cultura no jornalismo brasileiro. São Paulo: Paulus, 2009.
- LAHIRE, Bernard. **A Cultura dos Indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LAHIRE, Bernard. Indivíduo e Mistura de Gêneros: Dissonâncias Culturais e Distinção de Si. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 4, p. 795-825, 2007.
- LAHIRE, Bernard. **O Homem Plural**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LAHIRE, Bernard. Patrimônios Individuais de Disposições: Para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 49, p. 11-42, 2005.
- MACIEL, L. C. **Pode Entrar**: manifestações de gosto no âmbito da moradia e da decoração das elites culturais na Região Metropolitana do Recife. 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
- MCCRACKEN, G. **Cultura & Consumo**: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: MAUDAD, 2003.
- PINÇON, M.; PINÇON-CHARLOT, M. **Sociologie de la Bourgeoisie**. Paris: La Découverte, 2007.
- PULICI, C. **O charme indiscreto do gosto burguês paulista: estudo sociológico da distinção social em São Paulo**. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Recebido em: 17/01/2019

Aceito em: 25/01/2019